



APRESENTAÇÃO

Leituras autoetnográficas e abordagens contracoloniais da Literatura

Carlos Magno Gomes¹
Sara Rogéria Santos Barbosa²

O Conselho Editorial da Revista Fórum Identidades lança o volume 39, número 02, referente ao primeiro semestre, janeiro-junho, de 2024. Este número é composto por um Dossiê: Leituras autoetnográficas e abordagens contracoloniais da Literatura e uma Seção livre. O dossiê é composto por artigos que articulam leituras autoetnográficas, abordagens indígenas e afro-brasileiras da literatura, entre outros temas. A Seção Livre apresenta reflexões sobre as relações entre direito e literatura e abordagens historiográficas da forma como a escravização dos negros é questionada na obra de Machado de Assis e como o imaginário das lendas indígenas é retomado por autores do Modernismo brasileiro. Fechando a segunda parte deste volume, temos uma reflexão epistemológica inovadora para a reformulação das licenciaturas em Letras, propondo particularidades linguístico-literárias.

A primeira parte do dossiê contempla discussões profícuas acerca das construções imagéticas e representações étnico-raciais que estigmatizam personagens negras e indígenas, enquadrando-as em um viver precário, e apresenta também discussões que rompem com essa configuração proporcionando repensá-las a partir do protagonismo negro de suas ações. Essa virada de chave ancora-se nos pressupostos das literaturas afro-brasileira e indígenas que reivindicam não apenas os direitos desses povos como cidadãos, mas lugar ativo nos espaços em que atuam.

No primeiro artigo do dossiê, *A minha maloca: Uma leitura autoetnográfica de O som do rugido da onça*, Josalba Fabiana dos Santos comenta seu diário de leitura da obra *o som do rugido da onça* (2021), de Micheliny Verunschik. Essa investigação autoetnográfica destaca os múltiplos selves, que são recortes de emoções, sentimentos e pensamentos motivados pela leitura. A pesquisadora destaca a memória de leitura de outros livros e questões como exibição e exposição, op-

¹ Professor Titular da UFS. Doutor em Literatura pela UnB com pós-doutorado em Estudos Literários pela UFMG. E-mail: calmag@bol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9070-9010>.

² Professora do Departamento de Letras de Itabaiana da UFS. Doutora pelo PPGLIC/UFBA Membro dos grupos de pesquisa: NEC/UFS, GELIC/UFS e GPLH/UNEB. E-mail: sararogeria@academico.ufs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7039-9529>.

tando por descrever suas ansiedades, indignações e revoltas, que foram se intercalando no decorrer da leitura. Os principais embasamentos teóricos usados para a argumentação do texto são as reflexões de Philippe Lejeune, de Daniel Manzoni-de-Almeida e Josalba Fabiana do Santos. Na sequência, ainda sobre as questões autoetnográficas, em A escrita de diários em tempos sombrios: um processo autoetnográfico, Daniel Manzoni-de-Almeida explora a construção de dois diários pessoais: *O barulho do voo do morcego* (2022), de autoria do próprio pesquisador, e o *Diários na Aldeia* (2023), de autoria de João Irineu de França Neto. O artigo traz as duas perspectivas vividas em tempos sombrios de 2020 a 2023, destacando as experiências individuais e os marcadores interseccionais de gêneros, sexualidades, classe social e origem étnica que se cruzam.

Logo depois, temos o artigo **Representações do Fim do Mundo na literatura indígena contemporânea**, de Luciana da Costa Dias, que discute autoria e autorrepresentação indígenas, com foco no modo como artistas e pensadores indígenas, Ailton Krenak e Davi Kopenawa, representam e compreendem o “fim do mundo”. As noções de “fim do mundo” e “futuros possíveis” são analisadas pela cosmovisão indígena a partir de elementos da produção artística desses povos e suas contribuições para repensarmos uma vida centrada nos valores da natureza. Ampliando o debate acerca das questões identitárias, em **Literatura e apagamentos étnico-raciais: e o outro?**, Sara Rogéria Santos Barbosa retoma as reflexões acerca da falta de representação étnica negra positiva em textos literários. A autora reconhece que tal articulação contribui para reafirmações estereotipadas de pessoas negras, por isso busca ampliar os conceitos de arte e literatura como um espaço para o “outro” em seus múltiplos, ao contrário do que historicamente foi feito com a voz do povo negro nos textos literários. Sua base teórica é respaldada pelos Estudos Culturais e estudos sobre Representação e Representatividade.

Ainda no debate sobre as questões étnico-raciais, em **Identidades hifenizadas em *Girl, Woman, Other*, de Bernardine Evaristo**, laureada com o Prêmio Booker, em 2019, Paulo Henrique de Sá Júnior estuda as histórias identitárias hifenizadas dessa obra, que narra a trajetória de 12 mulheres não-binárias. Neste ensaio, o autor foca no contexto de resistência a partir do conceito de narrativa transmoderna de Rosa María Rodríguez Magda e o conceito de estigma de Erving Goffman. O artigo reconhece o quanto o romance de Evaristo problematiza o eu e o outro em suas jornadas, ampliando o debate sobre a vida das mulheres negras na Grã-Bretanha. Entre suas principais constatações, destaca-se o ato de tais mulheres oporem-se à opressão e resistirem à sua maneira. Na sequência, temos o artigo **A batalha de mulheres na produção de poesia oral ‘SLAM’**, de Pérola Cunha Bastos e Lícia Maria Barbosa de Lima, que trazem à baila em torno do Slam a perspectiva performática de resistência de mulheres negras da periferia de Salvador, que ex-

ploram essas narrativas enquanto existência e reinvenção de seus direitos. As pesquisadoras analisam o sentido do Slam para a mudança de comportamento dessas sujeitas diante de tantas opressões de classe, etnia e gênero. As abordagens teóricas passam pelas intersecções de gênero, raça e feminismo a partir das contribuições da pensadora Lélia Gonzalez e do *poetry Slam*, ou Slam Amanda Julieta (2023).

Ainda na perspectiva da decolonialidade, em **Lastros desdogmatizantes em *Xitala Mati*, de Aldino Muianga**, Juma Manuel e Inara de Oliveira Rodrigues investigam os subterfúgios contracoloniais moçambicanos presentes em *Xitala Mati* (1987), de Aldino Muianga. O artigo defende a perspectiva de que a literatura de Muianga é constituída por narrativas que engendram resistência e questionamento do paradigma da colonialidade, ressaltando saberes outros que rasuram valores hegemônicos impostos pelo processo de colonização. Entre os rastros da decolonialidade dessa coletânea de contos, os autores destacam a cosmovisão Africana e a valorização de vozes e conhecimentos extenuados pelo eurocentrismo. A base teórica desta pesquisa é sustentada pelas contribuições de Walter D. Mignolo, Francisco Pereira, Emílio Fernandes Junior, Alexandre de Oliveira Fernandes e Luiz Rufino. Ampliando a perspectiva decolonial, em **Uma leitura contracolonial do romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior**, Harlon Homem de Lacerda Sousa propõe reflexões sobre a obra em análise por meio de conceitos amefricanos. Os argumentos centrais são fundamentados por meio dos conceitos cosmopercepção, da nigeriana Oyeronke Oyewumi, amefricanidade, da brasileira Lélia Gonzalez, e contracolonial, do pensador quilombola Nego Bispo. O pesquisador analisa a trajetória das narradoras desse romance, ampliando sua fortuna crítica com contribuições não-ocidentais e de uma noção de literatura emancipatória e descentralizante.

Na Seção Livre, no primeiro artigo, temos **Direito à cidade: as memórias do Recife em contos de Clarice Lispector**, de Mariana Mendonça Lisboa Carvalho e Miriam Coutinho de Faria Alves, que exploram abordagens Jurisliterárias por meio do conceito de “direito à cidade”, proposto por Henri Lefebvre. As autoras analisam os contos “Cem anos de perdão” e “Felicidade clandestina”, da coletânea de *Felicidade clandestina* (1971), de Clarice Lispector. Trata-se de uma proposta de mediação jusliterária a fim de investigar como a autora brasileira representa problemas do espaço urbano em suas narrativas que trazem memórias de sua infância. Em uma perspectiva jurídica, em **O direito contado em *Terras do sem-fim*, de Jorge Amado**, Sara da Nova Quadros Côrtes e Márcia Rios da Silva propõem uma releitura da obra de Jorge Amado a partir das representações das questões agrárias e das reflexões acerca do direito à terra fundada imposta pelo coronelismo. O trabalho constata que a obra de Amado contribui para repensarmos as interdições à posse secular regulada por um direito no pós-abolição a partir das reflexões de François Ost.

Com um olhar historiográfico, o volume traz dois artigos que propõem releituras do imaginário da escravização no Brasil e das lendas indígenas na literatura. Em **Prudêncio e a pedagogia da escravidão nas Memórias póstumas**, Paulo Sérgio de Proença propõe um estudo sobre a falta dos direitos dos escravizados no Brasil em uma releitura da obra de Machado de Assis para identificar a denúncia da violência do sistema servil por meio das relações entre Brás Cubas e Prudêncio, tanto infância, quanto na maturidade, acerca da crueldade imposta aos escravizados explicitada nos jogos entre o ser e o parecer desses personagens. O pesquisador constata que a ficção de Assis questiona a violência imposta por uma sociedade de aparências. Logo depois, em **O imaginário indígena no modernismo brasileiro e na poesia de Stella Leonardos**, Maria Lúcia Neves Oliva, Osmar Pereira Oliva e Rita de Cássia Silva Dionísio Santos apresentam um estudo acerca das construções estéticas do indígena na literatura brasileira, destacando as aproximações entre a forma como Mário de Andrade e Stella Leonardos exploram as lendas indígenas como a da muiiraquitã. O artigo traz uma robusta revisão da forma como o imaginário indígena é retomado no Modernismo brasileiro fazendo referências às obras de Cassiano Ricardo e Raul Bopp. Entre as fundamentações teóricas temos a perspectiva historiográfica de Antonio Candido e Afrânio Coutinho.

Na sequência, temos uma proposta inovadora para a reformulação das licenciaturas em Letras no Brasil, em **Outras epistemologias curriculares para Licenciatura em Letras Português e Literaturas**, Osmar Moreira dos Santos traz a público um relato de experiências, fundamentado teoricamente para reformulação e implementação do novo currículo da Licenciatura em Letras com Língua Portuguesa e Literaturas no Campus II da UNEB, em Alagoinhas, Bahia. O artigo traça um mapa não só dos encontros da comunidade acadêmica mas também da troca de afetos na tentativa de conectar currículos anteriores, valorizando a história do curso desde 1972. O principal objetivo do trabalho é propor novas paisagens epistemológicas para o campo linguístico-literário sem que este se confunda com cursos de pedagogia.

Com os artigos do Dossiê e da Seção livre, esperamos fornecer subsídios para pesquisas voltadas para a leitura autoetnográfica, para os estudos contracoloniais e para a ampliação do horizonte de expectativas de pesquisadores de Letras e suas literaturas com abordagens afro-brasileiras e voltadas para o imaginário indígena. Às/os leitoras/es, agradecemos imensamente por compartilharem e divulgarem nossos textos. Boa leitura a todos/as.

Itabaiana, 05 de agosto de 2024.